

***480 poemas pretos***  
**+ 3**

**justino justino justino**



**Universidade Estadual da Paraíba**

Prof<sup>ª</sup>. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Prof<sup>ª</sup>. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



**Editora da Universidade Estadual da Paraíba**

Cidoval Moraes de Sousa (UEPB) | *Diretor*

#### **Conselho Editorial**

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)  
Alberto Soares de Melo (UEPB)  
Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)  
José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)  
José Luciano Albino Barbosa (UEPB)  
José Tavares de Sousa (UEPB)  
Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)  
Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)

#### **Conselho Científico**

Afrânio Silva Jardim (UERJ)  
Anne Augusta Alencar Leite (UFPB)  
Carlos Henrique Salvino Gadêlha Meneses (UEPB)  
Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN)  
Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP)  
Diego Duquelsky (UBA)  
Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN)  
Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB)  
Germano Ramalho (UEPB)  
Glauber Salomão Leite (UEPB)  
Gonçalo Nicolau Cerqueira Sopas de Mello Bandeira (IPCA/PT)  
Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB)  
Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)  
Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)  
Flávio Romero Guimarães (UEPB)  
Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)  
Maria Creusa de Araújo Borges (UFPB)  
Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)  
Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)  
Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)  
Rosmar Anttoni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)  
Vincenzo Carbone (UNINT/IT)  
Vincenzo Milittello (UNIPA/IT)

#### **Expediente EDUEPB**

*Design Gráfico e Editoração*  
Erick Ferreira Cabral  
Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes  
Leonardo Ramos Araujo  
  
*Revisão Linguística*  
Antonio de Brito Freire  
Elizete Amaral de Medeiros

#### *Divulgação*

Danielle Correia Gomes  
Gilberto S. Gomes

#### *Comunicação*

Efigênio Moura

#### *Assessoria Técnica*

Walter Vasconcelos



**Editora indexada no SciELO desde 2012**



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

**Editora filiada a ABEU**

#### **EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500  
Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: [eduepb@uepb.edu.br](mailto:eduepb@uepb.edu.br)

**justino justino justino**

***480 poemas pretos***  
**+ 3**



Campina Grande-PB  
2021



## Estado da Paraíba

João Azevêdo Lins Filho | *Governador*

Ana Lígia Costa Feliciano | *Vice-governadora*

Nonato Bandeira | *Secretário da Comunicação Institucional*

Claudio Benedito Silva Furtado | *Secretário da Educação e da Ciência e Tecnologia*

Damião Ramos Cavalcanti | *Secretário da Cultura*

## EPC - Empresa Paraibana de Comunicação

Naná Garcez | *Diretora Presidente*

William Costa | *Diretor de Mídia Impressa*

Rui Leitão | *Diretora de Rádio e TV*

Alexandre Macedo | *Gerente da Editora A União*



BR 101 - KM 03 - Distrito Industrial - João Pessoa-PB - CEP: 58.082-010

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro, conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA HELIANE MARIA IDALINO SILVA - CRB-15ª/368

---

M332c Justino, Luciano B.  
480 Poemas + 3. [Livro eletrônico]/Luciano B. Justino.;  
[1.ed.].—Campina Grande: EDUEPB/Latus, 2021.  
000 Kb - 523 p.: il.

Nota: **Latus** é um selo da Editora da Universidade Estadual da Paraíba(EDUEPB).

**ISBN 978-65-994892-4-2 (E-book)**

**ISBN 978-65-994892-5-9 (Impresso)**

1. Literatura brasileira 2. Eu lírico - Poesia 3. I. Título.

21. ed.CDD B869.94

---

Copyright © **EDUEPB**

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.





*... é onde os pastos carecem de fechos*  
João Guimarães Rosa

*... e tu, sonho, dá-me teu diamante implacável:  
teu tempo de destempo*

Cesar Vallejo

*que interessa aos outros esta ânsia de mundo,  
esta voragem de terra, esta minha vontade de  
beber o mar (bebê-lo, Madre, pelo fundo), esta  
vontade enlouquecida, esquecida, de tocar  
todas as coisas que erram a fim de as  
empunhar*

Isabel Barreno, Teresa Horta, Velho da Costa

*... senhor, eu sou, como sabeis, o espírito que nega*  
Machado de Assis

*ele mesmo: por que você não enterra os seus  
mortos?*

*ele: não é preciso. eles não apodrecem*  
Zé Agrippino de Paula

*se for cuspir na cara do mundo, tenha certeza  
de estar de costas para o vento*

Gloria Anzaldúa

*Frei Alexandre observava admirado: "como é  
preta a gente desta cidade!"*

Eliana Alves Cruz

*... a obra, é a máscara mortuária de sua concepção*  
Walter Benjamin





*n,*

**di**late a paisagem

corroa os altares

**dance**

*d*  
*anc*

*danc* **dan**

**dane**

**dan** d n e da **C**

*Serp*

of  
ofid

*dnc*

**d n**  
da e

oferte-se: **f i S**

**Suras**



-θ







- pronto!  
agora  
cês tão livres pra dançar e morrer nas sarjetas desta bosta,  
guspiu como praga  
a Princesa















além, muito aquém daquela serra, que ainda azula no horizonte...

00:27  
escorre  
na terra espessa *alastram* larvas  
ciciam ventos *tufão*  
magma *deserção*  
*salivam* incessantes vísceras  
pacto feto feitiço  
céleres *moléculas de instabilidade*  
cardumes maltas matilhas colônias  
rasto *rastro*  
anômala manhã 4:43  
fome febre fome  
faro  
acesos contágios  
afecção *infecção*  
meta *metástase*  
epidermias escamações  
ascese excesso  
silvo sibilo  
horda  
*bando*  
ardor  
00:26  
*prolif*











mestiçaria  
vigília de farta orfandade  
devir de diversa origem

AH redentora perdição  
OH sovina salvação

do vão devaneio de amar  
indizível loquacidade  
merdas meras do lembrar

dos tus em mim  
vasto de teus ocos  
captura do incognoscível

do húmus da humana animalidade

de nacos de nada  
e  
de  
pedra  
perecível  
*infinít*







-①







nem ao pó        nem apocalipse  
reles sargaços do tempo

na ansiosa hora  
da cisão

unha  
na fissura















hélices de peixes









esta é tua estânÇia entra  
deixa-te aí

tua face inteira  
teu corpo maduro  
teu acabamentoo

e vem  
estes pântanos azuis e cor de vinho são teus mortos que te esperam

entra

desliza teu peso neste vazio  
vem  
este barroco barraco barranco é tua casa

não te procures passar ao sentido

o sentido deste teu sentir , AQUI , é

esta passagem

traz  
teus mananciais represados  
teus rios imaginários

venham

teus anacronismos  
teus desabamentos  
teus desaparecidos  
teus não-ainda

chega

abre-te ao aberto eletriza tuas peles amplifica tuas dobras  
escorre  
rega esta hemorragia  
expande teus ecos

am<sup>m</sup>a















como ousas voar nesta névoa de pixel e pólvora?  
ainda de fezes, maus poemas, golpes e asco  
bípedes, confiantes, tiram o chapéu maquinalmente

onde estás Altazor, te-perdeste na queda?  
esta queda de onde partimos agora – “península amordaçada e impassível” –  
pisando as cinzas daquela essência em nome de tudo o que nos arrepia?

!  
o Guesa está em *Trilce*, subamos  
já  
:  
os mortos de nossa farta orfandade rejeitamos morrer  
vede, Antígona, seus espessos filetes de larva  
verdes

verdejar

vem: **acorda**

“mil línguas de grama” em campos de aço aÇo aÇo  
árvores partidas vestígios de tempestades  
incêndios de sol

subamos  
aos que nos esperam  
no nervo da larga noite d'outrora amanhã

às asas dessas raízes











espólio?  
espessura de formas?

qual o sonho?  
há porventura porvir?

canta-se?  
quem garganta?

é essa a casa?  
são minhas as mãos?

o que está a vibrar?







alastrãO







sim  
é  
na nova moeda de tua velha moenda  
que vim - como d' outra vez -  
*MORRER*  
depositar meus peixes  
e  
postes de alta tensão

sim  
aqui  
espalhar a tapeçaria de meus lodos  
as metástases de meus escapamentos

é aqui sim  
que vim  
*MORRER*

*distend et*  
inominável intangível

















min' história num começa co'a tua

? o que houve

teu heroico evento  
o fóssil da língua da nação  
negação  
subtração  
amputação

? o que houve

? o que houve

conto só a afasia  
no monumento, a racha  
no túmulo do soldado desconhecido

o vazio  
a anônima inscrição  
o murcho alface do esquecimento

minha pátria é a própria dispersão

este curvo mar de cabedelo ontem amanhã  
escavo  
arranco  
escavo  
até que ele fal/h/e  
volte a fal/h/ar

seus alhures

seus temp<sup>I</sup>

o lento legar-**se**

eu sou, da tradição, o trauma  
o espectro  
eis

---①















## Teu corpo. À imagem

o aparecer do que aparece  
abre se nos ao aberto  
da cisão

|  
abre se nos  
ao vazio da ilusória fusão

entretecemos,  
entanto,  
eu-~~e~~-tu,  
- feto feito feitiço –  
redes de afeto  
e  
aversão























*o tempo num cessa, Diadorim*

—00—











tocar os longes  
dilacerar a clausura da histeria, a tua  
iluminar as falsas camadas de noite sob a pele  
devolver os disfarces e os enfeites  
dissipar as bússolas dos assíduos senhores  
acolher o impróprio que me







uma  
ova







todo corpo é multidão

bando manancial turbilhão

todo corpo é r i o

margem arrebentação

todo corpo é pouso

contágio comunhão

todo corpo é tráfego

vento vulcão

todo corpo trama

elo secessão

todo corpo sim não

hidra de mil bocas

umas regurgitando *outr*



















fitas de fumaça





















vivamos nossa fábula, minha Lésbia, e amemos  
este afeto emergido do fundo do grande naufrágio  
nossas fodas fora de reles relógios e gastas gramáticas  
enlacemos as mãos

vivamos nossa fábula, minha Lésbia, e amemos  
o atual d'este infinito, fonte de toda promessa  
ontens que não esquecemos, amanhã qu'inda nem lembramos  
untemos o pão

vivamos nossa fábula, minha Lésbia, e amemos  
em nós, cartografia de nova paisagem  
escorrer da moldura, vida real de monstruosa sanidade  
acendamos 3 cigarros

vivamos nossa fábula, minha Lésbia, e amemos  
dentes no absoluto interdito  
o enlace ao que vem até o apagar da incessante chama  
polinizemos o mundo

vivamos nossa fábula, minha Lésbia, e amemos  
a mútua incompletude

entremos na cidade













aSa

a Z a g a i a







a morte

*significa*









*an*<sub>fibio</sub>

muambeiro de sonhos líquidos e fábulas sem Phalo  
alfândega de crioulas passagens

peixe e pássaro  
água e árvore  
movem seu passo de charco

a,

vida *a for a*  
de cativa chave























te-manténs aquel'ovo podre ancestral neste futuro?  
    não vens passar pro outro lado? quebrar da clausura o casulo?  
desde que amanheceu continua teu mundo este pó impassível guarda-chuva?  
    permaneces o mesmo apesar de todas estas fugas?  
ontem continuarás igualzinho?  
    estás certo do que acontecerá antigamente?  
vais ficar, ainda, sentado na pré-história do presente?  
    não vês que agora já estamos por vir?  
    que o precedente virá?  
    que é chegada a hora-anteontem-além-amanhã?  
    o instante do salto fora do coágulo?

i \_ \_















fosse tu

tatuaria tua insônia na consciência tranquila dos bem nascidos  
bordaria n'outra história teus desprezos  
alimentaria teu anonimato na própria fome

fosse tu

abriria tuas portas aos bárbaros  
beijaria todas as bastardas bocas  
libertaria os subterrâneos ritmos deste teu explosivo corpo

fosse tu

sangraria estas falsas fronteiras morais  
soltaria teus cavalos de aço à deriva no DF às 9  
reaprenderia a língua que nunca falaste pra cuspir os FODAS TODOS,  
que mainha proibiu desde que mandaste o padrinho TOMAR NO CU,  
tinhas 5.

fosse tu











Ao arremessar fora os pássaros,  
Violeta livrou-se de uma moleza de asa  
essa inércia de sonho que nos empalha em pena e compaixão  
- ah, vá à merda  
= sim, foda-se  
frágil facção de si, doença de promessa

Ao arremessar fora os pássaros,  
Violeta sentiu irrigar o osso  
não só o seu, mas o de mil outros  
despedaçados despedidos dispensados depenados  
vindos do vai e vem de tanta margem abater o truque pudico desta nossa cidade

Ao arremessar fora os pássaros  
Violeta pensou  
- ah Campina ,, , máscara milícia fascista; cortejo de esposa grã-fina  
- ah Campina! brancas saias enlameadas: :sangue em cremes de barbear  
pra continuarem as mesmas, cobras cegam até a mudança de pele passar

Ao arremessar fora os pássaros  
Violeta convulsa a cidade  
ubíqua, nos calçados dos açudes  
pisa dança grea ri  
prega alastra espalha botas como se plantasse prole e catimbó  
aqui ali alhures

11111111botas



0-0--









atiço o áÇido

atiço o áÇido

atiço o áÇido

atiço o áÇido

atiço o áÇido

os fastios do Deus

atiço o áÇido

a televisiva tragédia

“jubilosa crueldade”

atiço o áÇido

a delirante lucidez

atiço o áÇido

a centelha da embriaguez

atiço o áÇido

os tinos da esti[G]ma nordestina

“tudo é apócrifo, meu filho”

atiço o áÇido

a alma-justina

as mães brancas do mundo me sonharam

atiço o áÇido

a insônia

atiço o áÇido

atiç

atiço o áÇido

o

atiço o áÇido

atiço o áÇido

atiço o áÇido

Ç

atiço o áÇido

atiço o áÇido

atiço o áÇido

atiço o áÇido

atiço o áÇido

atiço o áÇido

atiço o áÇido

atiço o áÇido

atiço o áÇido

atiço o áÇido















Tereza  
foi o que sobrou da carga  
ela  
e uma pequena  
vara  
de porcos.

um mocinho loiro,  
anéis, (anéis) -  
paga uma ninharia.

- o navio?  
- deposta a pocilga?  
- Liverpool,  
adoçar de açúcar o chá chique dos Impérios











## **a nobre fábrica de fêmeas**

**NAS FAZENDAS DE FAMÍLIAS CARIDOSAS E CRISTÃS**

em minas de carvão  
e  
fundições de ferro

em cortes de lenha  
e  
cana de açúcar

substituem, sem frescura, burros de carga  
grávidas?, são chicoteadas como insolentes

sob ameaça de violação e açoite,  
abrem inúmeras valas

**- VEZ EM QUANDO UMA ARREGANHA UM PUTO**





luz numinosa da lâmpada

salto na selva do sul









- “Deserto será o fruto de teus trabalhos.  
Vagabundearás como vagas maltas de mendigos”, ordenou.

- às favas  
o milagre de um futuro avaro,  
a alma entre aspas,  
que Vossa mesquinha divindade sobeja: Digo.

matei o agrimensor e sabotei o latifúndio,  
a nódoa incrustada na cara

traguei: conexões descontínuas, “uniões ilícitas e amores abomináveis”  
a divisão ilegítima do território,  
papas e patrões, escapo.

minha indébita identidade é pântano  
infel a filiações: como quem lava as mãos...  
minha única verdade: o nome falso do falso nome que falo:  
“Abel é meu nome, disse Caím”.

## n

Baden, o nosso,  
- os nós cegos do destino:  
fortuna servil da fadada sorte –  
viola à faca.

- “Abel é meu nome, disse Zumbi”.

## n

a forma-enformação.  
pulsão-errância,

éden adâmico de atávicas OTANs? RA RA RA  
“B-abel é meu nome, entoam todos”.







**Q'DEUS QUER?**  
o fio de ar dos pássados?  
as crianças suas larvas?  
os grandes lábios da Rícia?  
meus velhos vinis?  
dentes?













“que nome te dás?”, inquire a mundiça.

“sou solidão. sou o 1. sou eu as algemas e as prisões. libertem-me”, suplica.

“desafoguem os porcos”, ironiza 1 coro.

“nossos irmãos porcos estão revolvendo os currais do mundo”  
responde, irritado, um 2º.

“este”, aponta um 3º,

“sua retórica da guerra e do sacrifício, histeria da pureza predatória,  
hei difamado nossos deuses-zumbi com seus fetiches monoteísticos”

**NÃO NÃO NÃO!**

**VINDE**

**NÃO NÃO**

vinde

às areias dessa terra apátrida

**NÃ SIM O**

vinde

a esses ritos sem mitos

**SIM S M NÃ**

vinde

aos risos dessa horda de condenados

**SI NÃ S**

**NÃO N O IM**

vinde

ao suor desses números zeros

**SIM N SIM**

vinde

à solidez desse espesso mistério

**NÃO SIM**

**SIMSISIM**

vinde

ao impulso elétrico de nossas carnes

**NÃO SIM**

vinde

às partículas destes cheiros e chás ccccccccccc

**NÃO NÃO SÃO IMN**

vinde

a nossos grandes lábios de mil e uma línguas

**I O I S N**

vinde

**SENTI NOSSAS CICATRIZES, PRENHES DE BEBÊS E BARRAS DE FERRO**









---①





## **geografia da raiva ou a incerteza da completude**

- “nossos irmãos e irmãs judeus esqueceram a humilhação que sofreram?”, lê-se no Muro da Cisjordânia.
- a pedido do irmão, o amanuense Afonso H. de Lima Barreto foi levado à força ao Hospital dos Alienados.
  - a socialite Donata Meirelles faz selfie com suas fantasias de pretas escravas.
  - do porta-aviões George Washington (CVN-73), caças partem com sacos de comida e mísseis aim-9x.
    - a Terra de Santa Cruz mata uma mulher a cada 2 horas.
- “o belga Abdelhamid Abaaoud e o francês Salah Abdeslam lideraram o atentado de Paris”, diz a polícia.
  - no exílio, monges tibetanos oram pela China.















- 
- 
- não
- nunca os sequestramos nem os lançamos aos tubarões
- ou os tratamos como bestas e animais
- não, não
- nunca os torturamos
- meras moedas? jamais
- algemas cepos peias e todo atributo de ferros, nenhuma vez os usamos
- nem os mutilamos ou os acusamos de bruxaria
- permitimos seus deuses por aqui, lembra? suas histórias
- não matamos suas crianças nas favelas ou do alto de nossos edifícios
- nossas leis sempre foram as suas
- nossa polícia os protege
- demos o melhor de nós a vocês, a suas mãos, a seus trabalhos
- jamais jogamos a vocês as sobras
- guardamos seus domingos
- não é verdade que enriquecemos com

- jamais  
quisemos  
faze

nun

nu

n

-

-

=







AR-15  
AK-47  
Taurus.40  
Rafale  
FAMAS  
Sa'ar 5  
Challenger II  
Boeing 767-223ER  
M-16  
UZI

Taurus.40  
AR-15  
AK-47  
AH-64 Apache  
M 270  
Arrow  
L115A3  
F35B  
XM-25  
Boeing 767-223ER

“Desde o dia de tua criação, eras perfeito nos teus domínios.  
Até o dia em que se achou iniquidade em ti”,  
disse Ezequiel









# encefalograma colonial

Febre, perda d`apetite, diarreia. Suores suores suores  
Arre arrepio no espinhaço.  
Insônia. Enxaqueca. Inchaço.  
Delfrios. Devires. Peidos. Pesadelo.

A vida inteira que efetivamente tem sido.

Os campos e os corpos estão em brasa. As cidades e as almas fervem.  
Bater Bater Bater. Violar.  
Cumplicidade. Dissimulação. Objetos parciais. Esterilizações.  
Querem me enrabar.

- Fale:

—  
....."....." ".....".....".....".....".....

- Repita:

—  
..... ^ .....

— Necrose neuromuscular encefálica, que sobe desde o nervo vago.

-  
.....\.....(.....)]..... ent ~ ... .. .

- Vou amputá-Lo.

.....

a sua própria obra



- Se der mole eu como - Come tua mãe! - Quero nem saber  
- É cada uma! - Posso te pegar lá? - X'eu ajeitar teu cabelo  
- Que foi? - Se abra comigo.... - Essa gente pensa o quê?  
- Meu filho... - Almoçar qualquer dia... - Ôxe! - Ça porra!  
- Massa tua unha... - Nossa! - Se fuder - Nós duas... - Hã?  
- Deixa quieto me' irmão? - Foi bom - Que nada, fica na tua  
- Com'é que vamo fazer? - Desencana - E saio mais falando - Ôpa!  
- Que nenhum home faz, chega nem perto - Eu acho... - Manda à merda - Sei... - Convenhamos, absurdo - Vem cá - Acho melhor não - Quem vê pensa que... - Esquenta não - Só era o que faltava - Lindo de doer - É o quê - Foi nada... - Não. Princesa um caralho - Vamo sair daqui









—00—



**puíZia** (*pus + azia*) 1. *Bot.*: diz-se da parte imprestável das frutas, da mosca que apodrece os frutos; 49. *Ling.*: cada uma das linhas que compõem um parágrafo, raciocínio lógico; 13. *Patol.*: abscesso, tumor, edema; 4. *Const.*: entulho, fossa, vala; 77. *Polit.*: sistema de governo que articula burguesia urbana e latifúndio. 29. *Org.*: chifre, unha, cabelo; 22. *Trab.*: criado, servo, subalterno; 31. *Med. Leg.*: pâncreas, útero, estômago; 1006. *Psic.*: perda da capacidade motora, indivíduo desprovido de vontade, abulia; 2003



# puiZia

eXcaldar eXcavar eXcarrar eXcangalhar  
eXcarnecer eXcorraçar eXculhambar  
eXpalhar eXpatifar eXcancarar  
eXcapar eXprezzar eXcrezer









foda                    Maria  
molhei teus livros                    todos

e em tudo somos nós a escorrer lílases  
nos maciços alicerces destas másculas milfcias

uns sem fim de paixões  
a encharcar de fome o altar dos saciados

















-----①





















no Eldorado da Chacina, Augusto,  
puiZia é risco  
: um gosto de cebola roxa no céu da boca

puiZia é risco, Augusto,  
vida vedada no País da Pilhagem.  
rabo decepado de lagartixa nos cornos-coturnos da míngua  
à margem da margem da margem da margem  
dobra do nome no miserê da ffffome

- DESÇO SÓ BERMUDA SEM DOCUMENTO-CAMISA, fincou o menino  
preto.

puiZia é risco,  
tragar o incessante luto  
Augusto, em dia branco  
a parte à parte à parte à parte,  
emergir, em terra sem fruto,  
fontes de futuro,  
no Eldorado das Chacinas.













ó febre amarela  
ó febre amada ó febre idolatrada  
entre outras mil entre outras mil entre outras mil  
----- ovo e regresso -----  
entre outras mil outras mil entre outras mil entre  
ó febre idolatrada amada ó febre  
ó febre amarela

s  
a  
s a l v e  
v  
e



es fátios do Deus









## sindicância do ódio

*- homens brancos vestidos sem nada que lhes cubra as vergonhas*

de onde vem a matéria de tua carne?

que afeto te sufoca?

quem alimenta a miséria de tua fome?

*ada que lhes cubra as verg*

em que mundo pensam pisar teus coturnos?

como pesam estas memórias em tuas mãos?

sabes que não nos morres?

Rgonh





**7 de setembro**

abaixo o brasil  
porque já há brasil demais

nos purguemos de brasil      AGORA  
essa reles religião  
esse cortejo bufão

um **basta** no brasil  
nestes tantos cídios

q **vá à merda** o brasil  
doril plasil captopril rivotril

fora  
FORA  
JÁ HÁ DEMAIS

*fOra-se*







**unha**



q vá à merda







- e essa

**má**

cula?

- barro-radiação













- o que o museu da polícia civil do estado do rio de janeiro tá fazendo com mais de 1200 peças sagradas da Umbanda e do Candomblé?

- hein?

- como é? num entendi

- isso

museu da polícia civil do estado do rio de janeiro 1200 peças sagradas da Umbanda e Candomblé

- foi Vilma Piedade que disse e eu também quero saber

- o senhor tá enganado eu só quero saber

sim, museu da polícia civil do estado do rio de janeiro

- veja você é foda né não?

1200 peças sagradas da Umbanda e do Candomblé capturadas desde a primeira república

- como é?

- outra coisa

- pouco importa quero saber

- né isso não

- é OUTRA COISA meu senhor minha senhora

eu quero saber

eu também

ISSO MERMO









## os 5 carimbos

- do comerciante *raptor*
- o selo da **nobre** coroa portuguesa
- **a** cruz de nossa santa igreja, "batizado"
- uma companhia de *tráfego*
- já aqui, **do** comprador caridoso: "sim senhor"

*f* de "fujão", o 6º, Maria Navalha não permitiu se fizesse, foi embora...

- não sem antes  
enfiar nos cornos de um putro o osso d'uma azagaia









—00—





a car' né  
fraca  
a carn' é  
pouca  
pra tanto vão  
arroz farofa camburão

a carn' é  
fresta  
rappa rap repente  
na guerra  
sã  
da fráttria órfã















**r**golas duplas

espessa persistência  
expansiva consciência  
enlace de rara ralé

capo  
eira

ginga ginástica









**preto pensando**

----- respirar

**as** ~ ~ ~ **pirar** ~ ~

*ins // pirar ////*

**cons** **pirar** =====





hoje,  
celebremos ! ! ! !

cantemos o  
degelo,  
no cerne mesmo dessa inflação de sol  
e  
sangue,  
terra trêmula  
farrapo de pátria

celebremos ! ! ! !

não o medo, seu estreito  
*dancemos*  
ao derreter-se  
da imaginária falta futura  
do corpo sem mundo

sim, sim, celebremos ! ! ! !

**não não**  
o homem que caga certo pouco a pouco  
a Ustra covardia

**celebremos ! ! ! !**  
o  
fogo  
sob  
a cinza









- feto feito feitiço -





## anastácia II

falar é fuder  
as vozes fodem  
violam as economias do *Ser*

erçam contágios  
imprevistas conexões  
transversam universos  
larva a nudez pássaro gentes o vento sair saída a alma d'um  
morto  
um cão encharcado

falar é fuder  
as vozes fodem  
fodem  
fodem  
fodem

tensão de sim "sangra [o segredo de] toda palavra sã"  
um inaudito q canta  
[ao olvido] uma sanha de sonho  
no real, ranhura  
rastros







## commodities

- "Oh! se a gente preta, tirada das brenhas da sua Etiópia, e passada ao Brasil, conheceu bem quanto deve a Deus e a sua Santíssima Mãe por este que pode parecer desterro, cativo e desgraça, e não é senão milagre, e grande milagre? Dizei-me: vossos pais, que nasceram nas trevas da gentildade, e nela vivem e acabam a vida sem lume da fé nem conhecimento de Deus, aonde vão depois da morte? Todos, como credes e confessais, vão ao inferno, e lá estão ardendo e arderão por toda a eternidade", disse o Padre Antonio Vieira

- "Não há trabalho nem gênero de vida no mundo mais parecido à Cruz e Paixão de Cristo que o vosso em um destes engenhos. O fortunati nimium sua si bona norint! Bem-aventurados vós, se soubéreis conhecer a fortuna do vosso estado, e, com a conformidade e imitação de tão alta e divina semelhança, aproveitar e santificar o trabalho!", seguiu apontando pra audiência

- "Em um engenho sois imitadores de Cristo crucificado: Imitatoribus Christi crucifixi - porque padeceis em um modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz e em toda a sua paixão. A sua cruz foi composta de dois madeiros, e a vossa em um engenho é de três. Também ali não faltaram as canas, porque duas vezes entraram na Paixão: uma vez servindo para o cetro de escárnio, e outra vez para a esponja em que lhe deram o fel. A Paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte foi de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias. Cristo despido, e vós despídos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós mal-tratados em tudo. Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isto se compõe a vossa imitação, que, se for acompanhada de paciência, também terá merecimento de martírio", continuou, os olhos embaçados d'água







-00-

- foda-se o spleen





o sendo efêmero  
    posso deter-me      e ficar?  
                            habitar o abscesso do obsedante instante?  
  gozar      no      sendo      transe  
transitório?

o sendo efêmero  
            lançar sacros amanhãs no instável ínfimo infinito?  
  o mar que suga o corpo do afogado

o sendo efêmero  
                            ouvir falar os mortos no turbilhão dos vivos e exumá-  
los?  
                                    viver os vivos morrerem  
                                    e despertá-los?

Aragon?    sim      sem      gagá      nostalgia,

o sendo efêmero  
            saudar fenecer o ciclo da verdade vertigem do falso?

O sendo efêmero  
            entretantos









...  
e

a chuva nos transborda com seu grande lábio de fluxos  
escorrendo o sangue a lágrima  
a seiva  
pelos córregos da pedra e do ar  
onde lagartos e pássaros salivam o tempo de permanências

toma, amor, um banho comigo  
lavemos noutra água  
essas garras de desprezo e toxina

toma  
toma amor, 2 banhos comigo  
3  
e mais 3  
depois

deslizemos  
em nossos dilúvios  
de tantas vidas e vícios  
sujos e fartos

até que













tempo é saliva  
teia de sal: ser de salto  
temporal  
medula e cal: teleósteo de água e nau  
levante: desalma de serviçal





**MEMENTO** escamas de pele espalhadas por vãos d  
e vento caspa pelos pelos pentes mofo  
+ mofo ácaros excrementos de inseto s  
sêmennn uvas fuligem salitre  
a varíola o valongo  
fotos na cerâmica baça  
saliva do cão nos pratos da pia secre ç cão pasta de de  
ntes bactérias partículas minerais *percorre*







dane













és tu e em ti,  
Barro-radiação, q u o n d e  
flui este ardor de tráfego,  
arrepio de língua-  
lâmpião. dente em teu  
lábio, a alma precária  
dum vulnerável  
corpo, sabe, livre  
dos currais de si e  
das rações da raça.

**murmúrio**  
de muitos  
“foras  
desde dentro

,  
ta-tear do real  
**outro rito**

















coliformes coloniais







escorte  
00:26

—00—







pretas putas  
"evas negras não redimidas por maria"  
- malta matilha -  
espreitam lares espreitam lares espreitam lares  
como abutres  
a alumiar a alumiar a alumiar  
o sangue e o saque  
que escorrem na noite tropical  
à noite

















bosta



*... shiny shiny shiny boots of leather Whiplash girlchild in the dark...*

bolsa falsa Louis Vuitton prensado de \$70 Tilápia kg e ½ Taurus .40  
Violeta cruza o Zepa subir a Quebra Quilos tomar o Centro  
pedala o ar quente de novembro como se pedala um pântano

sinos de São José convidam congregar ao sacrifício do cordeiro imolado  
- QUE NADA

ÀS ervas não curativas dos sem missão e sem chaga  
zelar a própria cicatriz os rios escorrem entre as pernas escarram toda saudade  
o músculo mutilado da fantasia  
da aspiração, a aspirina

*...vai triturar teus sonhos tão mesquinhos Vai reduzir as ilusões a pó...*

imaterial apetite de preta os cacos do sobrenome na calçada  
fodam-se os lençóis a pia o porco por assar o destino definido a priori por outrem  
“ponha mais cor no seu prato todo dia”, berra a Joana D’Arc repolho pimentões

o Abrigo café-leite-ovos-fritos irradiam  
os velhos regam sóbrios devires juvenis em punhetas tantas  
anões mirins planejam facas fendas canivetes  
“o sangue inda num secou nem começou d’onde deve ser sangrado” riem

Violeta acelera, desce caracol a Campos Sales  
os carros as pontes ecoam a varíola a noite sem fim seus naufrágios  
a mútua deserção a solidária exceção aos pregos do açoite

*... tente esquecer em que ano estamos Arranje algum sangue, escreva num pano...*

a corrente gira e aviva a Quebra Quilos os talhos nos pés os vidros pisados na taça dos dias  
a dança cava as lâminas na mama a planta as pontas dos pés

a feira de pássaros mil machos ofertam gaiolas-alçapões “6 patas 4 asas 10 Reais”  
piches piches os muros da maternidade: o mar a mãe mortuária em toda a travessia  
MARIA só expele crianças mortas rainha da diarreia

*...tenho 25 anos de sonho e de sangue e América do Sul...*

- NÃO  
as cintas da piedade e da pureza? ÀS FAVAS O AVAL DE UM FUTURO AVARO  
*...vou tomar aquele velho navio...*  
lenço vermelho esvoaça no pescoço  
o sol acende  
em pé, apressa o passo









## nós pós nós

ensolarado céu de outono  
esta é Rícia; esta sou eu.  
"canalhas canibais!", nos-impingem os estúpidos.  
"frívolas e cruéis!", repetem.

nós: rio sem margem de água vasta  
homicidas do Último Homem em banquete de bêbadas  
agora nos-devoramos as 2.

neste piso de pedras: nosso peso de pássaro  
unhas nas bagas do cigarro  
OS DENTES                    na pré história do futuro  
                                      nas fibras daquelas frutas  
                                      nas migalhas deste pão  
                                      nestes fiapos de carne

- minh'alma toca teu ventre; tua mente, minha mão  
nos-raspamos dos pelos mi-NU-CÍO-Sa-mente os piolhos do Pai:  
afiadas lâminas nos-fissuram

pracabarcomeçar  
nos-mijamos    toda  
                                      o que reproduz  
                                      tudo o que refém













o  
precedente  
virá









**elo** *secessão*







universal é a fraude  
o cúmulo da acumulação  
a centopeia de visão do Império

universal é o ubíquo álibi de deus  
a lábia do beato  
o plástico sobre a água

universal é o verme que nos governa  
o sangue na soja  
o grã-fino porqueira

universal é o coturno  
o abatedouro clandestino  
a imagem da alma morta do menino

universal é o ansiolítico  
a falsa pérola do futuro  
este mundo do mundo

universal é esta febre amarela  
o parto que não cessa  
é mil-e-uma-miséria

- universal é o caralho

















## vogue

barba feita com esmero  
fios grisalhos nos cabelos, extraí-los ou pintá-los de preto  
rugas, poli-las  
usar sim, se for o caso, ora e por quê não?, “areias finas”  
lentes nos dentes  
untar o corpo, parecer brilhante e hidratado  
suar, secar

escravos,  
assim,  
são preparados  
pra venda no Cais do Valongo  
as correntes e algemas deixam marcas visíveis











eu só acredito em ciência que delira,  
quando  
injeta ferro nas veias das árvores e as faz  
dançar.  
o que pode o desejo,  
e a criação,  
não é a falta,  
é o excesso.

VIVO é o que escorre a moldura de todo organismo.

a falta é filha do castrado,  
que gozou um fusível de vazio nas vaginas de Deus,  
Freud foi o escrivão.

Rícia, tu sabes o que é muito,  
meu amor não é deste mundo  
meu amor não é meu  
nenhum pronome me contém  
nenhum níquel me contenta

“but I know his name he’s called Mr. D  
and one of these days he’s gonna set you free  
human skulls is hangin’ right ‘round his neck  
the palms of my hands is clammy and wet

lord I was dancin’, dancin’, dancin’ so free  
dancin’ dancin’ dancin’ so free  
dancin’ lord keep your hands off me  
dancin’ with Mr. D. with Mr. D. with Mr. D.”

“a única verdade é o delírio”

os saltos nos pulsos dos pés,  
manter acesa a ciência da incerteza e a ponta da língua afiada à fala.

dilatar as memórias e os esquecimentos!  
- "desintegrar a forma tranqüilizadora do idêntico".

os metais das metas entre os dentes  
: outros mundos do mundo







- não há ponto fixo no universo,  
concluiu Galileu Galilei,  
gélida manhã de vento. Era Pádua: 10 de janeiro de 1610

na terra de santa cruz, caldo de sóis  
um canibal lambe uma `alma  
- firme, firme, só a inconstância,  
como disse aquel `outro escroto, pensou

o real? este sudário  
o corpo abandonado a sua própria sobra

inteira?,  
ah ah ah  
uma boa farofa  
só







FODAS TODOS





o espectro













1.  
a metafísica mandíbula do jaguar mira as patas da substância branca do branco  
sagaz... voraz..., capt captura  
salto na selva do sul - -

1.1  
o servo ~  
susta  
a ordinária disciplina, a tirania das gramáticas do trabalho  
toca o fulgor da fala fora da língua; a polpa do impalpável  
lambe, com os tatos do olfato,  
todos os sábios sabores da vadiagem

1.2  
nervo da noite,  
a luz numinosa da lâmpada despoja-se  
ávida dos ovários da obscuridade, fagulha a profundidade da treva fértil

1.3  
a letra,  
livre da ereção dos significados e dos sujeitos de substância,  
cala c'a boca cheia de errâncias rastros arres rrr  
NÃOS  
à "baba babel" da puizia e o pus de suas poéticas.













*prolif*



toda baba boca cheia **nordeste**  
é a fala erigida alçapão  
é um inquérito sobre os embustes do nome  
é uma máscara escandalosa de enunciação  
é quando o mundo se amesquinha a este mundo  
a cerca elétrica da língua e seus coliformes coloniais

os cabaços atávicos do tempo são refúgios imprestáveis!  
a terra vasta      hospitaleira e hostil  
a terra vasta      avulta avilta  
o limite a medida a moldura  
a terra vasta  
folotes fuleros  
catraias e quengas  
o xexeiro  
bexiga taboca gôta serena a bexiga lixa

devêm seus **nenhures**

”””

à anônima imanência      à perpétua dispersão  
da infinita finitude









a vida do vivo brota n' *o-fugir*, sua vocação de durar  
*no escândalo no escárnio no devir*  
reaviva o morto abatido pelas costas, de 7 às 7      todo todo todo todo dia

infinita o finito  
destrói o que destrói  
sangra o que sangra  
alouca a loucura

fora

a coisa em sua coisidade  
a tesoura de unha      a cutícula no canto do quarto  
o corpo sem peso de alma      matéria de óbito

*o-fugir* a morte  
*significa*





que se tem fixado

é deriva  
o que há

[ resíduo enxerto ]  
longo legado  
ágil vagar

fronteira floração  
membrana

, entre abrigo e açoite , entre sim e não , o que foi o que virá ,  
nem ontem nem amanhã , ontem amanhã o que está sempre a chegar

grafa-se voz curva no tempo  
- assíncrono dissenso

à forma motriz do amorfo -







①-----



AQUI



*? que te faz branco*

*? que te faz branco*

*? que te faz branco*

*? que te faz branco*

*? que te faz branco*

*? que te faz branco*

*? que te faz*

o que ouve o vento?

tem faro o inseticida?

a música, cólicas?

vês dos répteis as invisíveis asas?

sente frio a pele das pedras?

disseca a clínica o sopro da célula?

da presa, mastiga o predador o fugir?







oO

o

o

O

o  
fim da  
puizã é a  
prosa  
a prosa é a prova  
do fim

o mar que suga o afogado e o solta na praia assim assim assim

*o tempo num cessa, Diadorim*

o zim da puizã é uma  
ova

que

O

“lança ao nariz dos deuses fitas de fumaça”

o

oO

o

O









—00—



resta  
o escombro  
da cinta  
civil

i

—Z

acional

da equina equivalência de todos os mundos do mundo

resta o

r e s t

o

angustiosa  
nostalgia do

c o n t í n u o

o futuro *a priori*

HA HA HA

soçobra

sobra

os poros d'agora









Natal

...  
eis o tempo  
pro  
desmoronamento

...  
a hora propícia  
de  
celebrar  
o abalo

...  
fender o delírio  
do  
Phalo

...

inquietar                      é verão  
o hábito  
da assimilação

...  
inventar os ventos  
da  
abolição

...

*n*

















**nos** que aspira

nos que  
percam

vinguem

convidem

nos

que

mult

i

pliquem

trans

borde m

nos

que trans

cendam

que

in

fin

it







3 cigarros





quando esse carnaval passar

o caudal das margens inundará a cidade com suas hélices de peixes  
um tempo sem tempo a irrigar a cinza deste ordinário futuro

quando esse carnaval passar

o demoroso, fluir de cavalos de aço e árvores jaguares, repactuará as alianças  
insistente outrora deslizando seus agoras sobre estes dias posições

quando esse carnaval passar

as asas de nossas raízes alastrarão seu bafo certo in-cessante in-preciso  
in-tangível

**eia eis**











pros  
que quedam ávidos ao clamar das águas salgadas  
e se espraíam asas ao azar  
praqueles que **casam** lá e **asam** a**Zar** é materno mar





sentir os tubérculos  
o térreo das batatas

pensar os tubérculos  
as fibras da macaxeira

sonhar os tubérculos  
o escorrer da beterraba

exortar os tubérculos  
à ave feira dos carás

**bastardas bocas**



# ALTER DO COMUM

“Como ousar voar” contém “paráfrases” de Drummond, Sousândrade, Huidobro, Neruda e Bandeira;

“Península amordaçada e impassível” é César Vallejo na tradução de Tiago de Melo;

“Mil línguas de grama” está no Pound dos Campos;

“Deixarei crescer meus cabelos” é do Lorca do *Poeta em Nova York*, da tradução de William Agel de Melo;

“Vivamos minha Lésbia” retoma o Mallarmé e o Catulo dos Campos, o Ricardo Reis de Fernando Pessoa, o João e Astrud Gilberto de *Cordovado* de Tom e Vinícius e “Let’s do some living after we die...” de *Wild Horses* dos Stones;

“Poesia é risco” é de Augusto de Campos;

“Sangra toda palavra sã”, Djavan em *Açaí*;

“Sagaz potência predatória” colhi nas *metafísicas canibais* de Eduardo Viveiros de Castro;

“Tudo é apócrifo, meu filho” está no *Respiração artificial* de Ricardo Piglia, traduzido por Heloisa Jahn;

“Abel é meu nome, disse Caim” é do *Caim* de José Saramago;

“Frátria órfã” é de Maria Rita Kehl;

“Evas negras [carnudas] não redimidas por Maria” peguei em *Paraíso* de Toni Morrison, na tradução de José Rubes Siqueira.

“Besta da sombra” retirei de Gloria Anzaldúa, cujo

pensamento permeia todo o texto;

Violeta pedala ouvindo Velvet Underground, Cartola, Luiz Melodia, Belchior e a Gal de Waly e Jards;

Uma versão modificada de *Tempo é saliva...* foi publicada em *Infitada*, com Antonio de Brito Freire;

“Vagalumes têm vocação pra revolta” é de *Resistência dos vagalumes* de Georges Didi-Huberman, traduzido por Vera Casa Nova e Márcia Arbex;

Em “O sendo efêmero”, há eco d*O camponês de Paris* de Louis Aragon, na tradução de Flávia Nascimento e d*“A verdade é um momento do que é falso”* da *A sociedade do espetáculo* de Guy Debord, traduzido por Estela dos Santos Abreu;

“Baba babel” está em *Outros românticos* de Caetano Veloso;

“Lanço ao nariz dos deuses fitas de fumaça” é Jules Laforgue na tradução de Augusto de Campos;

“A única verdade é o delírio” é de Roberto Piva;

Os versos em inglês de “A única verdade é o delírio” é de *Dancing with Mr. D.* dos Rolling Stones;

“Desestabilizar a forma tranquilizadora do idêntico” está em *A vida dos homens infames* de Michel Foucault, traduzido por Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro;

“Mil e tantas misérias” é do *Grande sertão: veredas* de João Guimarães Rosa.

## SUMÁRIO

1. n
2. Pronto!
3. além, muito aquém daquela serra, que ainda azula no horizonte...
4. mestiçaria
5. nem ao pó           nem apocalipse
6. esta é tua estânÇia       entra
7. como ousas voar nesta névoa de pixel e pólvora?
8. espólio
9. sim
10. min' história num começa co'a tua       ? o que  
      houve
11. Teu corpo. À imagem
12. cresço os cabelos
13. tocar os longes
14. todo corpo é multidão
15. vivamos nossa fábula, minha Lésbia, e amemos
16. asa azagaia
17. anfíbio
18. te-manténs aquel'ovo podre ancestral neste  
      futuro?
19. fosse tu
20. Ao arremessar fora os pássaros,
21. atijo o áÇido
22. Anastácia
23. a nobre fábrica de fêmeas
24. Deserto será o fruto de teus trabalhos
25. Q'DEUS QUER?
26. “que nome te dás?”, inquire a muniça.

27. geografia da raiva ou a incerteza da completude
28. não
29. AR-15
30. encefalograma colonial
31. - Se der mole eu como – Come tua mãe! – Quero  
nem saber
32. puiZia
33. puiZia
34. foda                   Hilda
35. puiZia é o cio da insônia
36. “Inácio de pouco préstimo tem me servido”
37. no Eldorado da Chacina, Augusto
38. ó febre amarela
39. sindicância do ódio
40. 7 de setembro
41. e essa
42. o que o museu da polícia civil do estado do rio  
de janeiro tá fazendo com mais de 1200 peças  
sagradas da Umbanda e do Candomblé?
43. os 5 carimbos
44. a car’ né
45. argolas duplas
46. preto pensando
47. hoje, celebremos ! ! ! !
48. anastácia II
49. commodities
50. o sendo efêmero
51. e
52. memento
53. és tu e em ti
54. as ameixas azuis da alegria despedidas de seus  
cavalos



55. pretas putas
56. olho de onça cindida
57. Violeta cruza o Zepa subir a Quebra Quilos  
tomar o Centro
58. nós pós nós
59. stela do patrocínio
60. universal é a fraude
61. vogue
62. eu só acredito em ciência que delira
63. não há ponto fixo no universo
64. a metafísica mandíbula do jaguar
65. toda baba boca cheia nordeste
66. a vida do vivo brota n' o-fugir, sua vocação de  
durar
67. que se tem fixado
68. ? que te faz branco
69. o
70. resta
71. Natal
72. nos que aspirem
73. quando esse carnaval passar
74. pros

# 480 POEMAS PRETOS MAIS + 3

*Antônio Carlos de Melo Magalhães*

A obra obstinada que sai das mãos de Justino Justino transita do Zepa (bairro José Pinheiro, em Campina Grande) aos escombros e combos da tradição, sempre com a resistência do trauma e do espectro. Obra poética das melhores e raras. Bela e incômoda. Obra-denúncia, obra-paixão, assim é *480 poemas pretos + 3*. Um novo poeta emerge, e parte significativa do que ele é, como pesquisador e autor, está nessa obra, resultado de um processo longo e nada retilíneo que é a vida em suas muitas pulsações. O poeta se faz com a sua obra, e nesta estão gritados e sussurrados os muitos estilhaços da existência, da cultura, das resistências, do corpo-multidão.

É poesia que se levanta em forma de “inquérito sobre os embustes do nome”, para romper a “cerca elétrica da língua” e os “seus coliformes coloniais”, porque “universal é a fraude”. É poesia que quer cantar não o medo, mas “o afiado canto”. Poesia sem disfarces e enfeites das dominações que impedem vãos.

*480 poemas pretos + 3* é poesia que pode inaugurar um novo tempo na literatura paraibana, nordestina, brasileira e alhures Ao mesmo tempo em

que ruas, lugares, cenários de bairros estão presentes, toma distância de clichês museificantes, de repetições ideológicas doutrinadoras e das marcas identitárias restritivas, autoritárias e cerceadoras. Nessa obra o corpo voa, não para se diluir em relativismos débeis, mas para lembrar e enfrentar com toda a contundência as muitas ameaças que tentam rapinar obras, grupos, lutas, dores e prazeres. Obra alada, portanto, tanto em relação aos septos quanto em relação a vieses críticos que se contentaram com formas óbvias e conteúdos monótonos.

*480 poemas pretos + 3* é presença que produz estranhamentos visuais, que nos interpela como leitores acostumados a formatos batidos e repisados. Texto que irrita porque nos tira de nossas comodidades, de nossas formas convencionais de leitura. Sem entrar em pertencimentos formais a escolas, o que importa na leitura é também abrir os olhos para os cantos, para as deformidades, porque só esticando os olhos é que vemos nuances, matizes, perspectivas inovadoras do que é essa realidade que nos interpela em nosso cotidiano banal. Nosso olho ante a página preta, tendo que subverter o zoom colonial e a polidez das leituras sequenciais.

A pátria dessa obra “é a própria dispersão”, é feita de uma “indébita identidade, matéria úmida do mundo”. Se o poeta sai “do ser como quem lava as mãos”, o leitor é constrangido pela obra a sair do ser como quem se aventura a olhar a folha preta como página para se escrever poesia e narrar a vida. *480 poemas pretos + 3* é obra-fogo que não permite que o leitor saia sem ver queimar a página branca da escrita

da história e da cultura. Obra que dói e que faz rir.

Sempre imagino o que um autor imagina e deseja com a sua obra. A de Justino ~~Justino~~ Justino abala e desafia, como se estivesse a nos perguntar se “o ovo podre ancestral” nos manterá em qualquer futuro que projetamos. Não seria essa a maior conquista de uma obra literária, a de interpelar leituras e leitores? A de tirá-los de uma sequência de acúmulo de informações e deleites óbvios?

*480 poemas pretos + 3* é obra que desponta como uma das mais instigantes e desafiadoras que tive oportunidade de ler nos últimos tempos. Uma obra literária só se torna especial ou grandiosa quando deixa aturdido o processo de leitura, quando somos obrigados a buscá-la novamente para leituras renovadas.

# AO POETA QUE INAUGURA A DESESSÊNCIA DO DIZER

*Elisabete Borges Agra*

*480 poemas pretos + 3* inaugura distintas possibilidades para a poesia contemporânea. A experimentação estética com a linguagem que traz à tona uma memória involuntária capaz de envolver o leitor numa teia sinestésica e, ao mesmo tempo, numa correspondência entre imagem, som e des-sentido.

Justino ~~Justino~~ Justino consegue tornar indecível o tempo e o espaço da folha de papel num percurso que chega a produzir na “folhapretado-pretoemtranse” a ambiguidade ambilíngue do seu signo estético, cuja funcionalidade não pode ser avaliada por coerência, linearidade, estabilidade e seus correlatos, mas por elementos que multiplicam os percursos de significantes, muitos a-significantes e extra-verbais.

Babel de muitas vozes memoriais, tanto da literatura e da arte quanto da própria história negra, o poeta consegue manter um diálogo com a tradição de forma antropófaga. Surge então uma poesia desgaste

e ao mesmo tempo resgate, da rasura como retomada e reinvenção, daquilo que podemos perceber como o esquema da repetição, em termos deleuzeanos. Transforma o dito repetível em acaso de um devir infinito: “além, muito aquém daquela serra, que ainda azulada no horizonte...”.

Tenho a poesia de Justino Justino Justino – “falar é fuder” -, mas pelo espaço que a palavra cava no tempo. Essa poesia potência me lembra muito o que Octavio Paz diz sobre a poesia de Mallarmé: “poema crítico: se não me engano, a união destas duas palavras contraditórias quer dizer: aquele poema que contém sua própria negação e que faz dessa negação o ponto de partida do canto, a igual distância da afirmação e da negação”.

Sem dúvida é uma poesia fechada ao mundo “que se assemelha a este mundo”, mas aberta a uma infinita potência de mundos possíveis, inclusive da semiose negra, de sua memória, de seus estatutos de identidade.

Daí o caráter inquietante de sua leitura. Criticidade e negatividade irônica tão insistentes que incomodam aos olhos de quem lê, pela negação do real cristalizado pela ordem, que o obriga, o leitor, a desviar seu olhar tautológico e caminhar pelo universo paralelo da fala para além/aquém de si mesma. Criticidade e negatividade irônica fazem da linguagem uma inversão que indetermina o voo para além dos espaços das unidades mínimas do dizer, entre o silêncio e o fonema, entre a obscuridade impenetrável do dizer e os espaços infinitos do próprio dito. Seus recorrentes espaços de silêncio são marcadores

indelévels da sua potência poética.

No cerne de sua poética opera uma semiose politicamente intencionada na qual o verso coreografa a ideia, diga-se uma ideia para além de qualquer ideal, antes o rachando ao recusar toda relação passiva entre significante e significado. O genocídio negro no Brasil bem como os processos de estigmatização da identidade negra e da mulher, a ditadura militar, o sangue que escorre do capital, são alguns temas que tornam impossível no livro dissociar poética e política

Leia-se!

A obra obstinada que sai das mãos de Justino Justino Justino transita do Zepa (bairro José Pinheiro, em Campina Grande) aos escombros e combos da tradição, sempre com a resistência do trauma e do espectro. Obra poética das melhores e raras. Bela e incômoda. Obra-denúncia, obra-paixão, assim é 480 poemas pretos + 3. Um novo poeta emerge, e parte significativa do que ele é, como pesquisador e autor, está nessa obra, resultado de um processo longo e nada retilíneo que é a vida em suas muitas pulsações. O poeta se faz com a sua obra, e nesta estão gritados e sussurrados os muitos estilhaços da existência, da cultura, das resistências, do corpo-multidão.

*Antônio Carlos de Melo Magalhães*

Justino Justino Justino consegue tornar indecível o tempo e o espaço da folha de papel num percurso que chega a produzir na “folhapretadopretoemtranse” a ambiguidade do seu signo estético, cuja funcionalidade não pode ser avaliada por coerência, linearidade, estabilidade e seus correlatos, mas por elementos que multiplicam os percursos de significantes, muitos deles a-significantes e extra-verbais.

*Elisabete Borges Agra*